

HORIZONTES HISTÓRICOS

COMUNIDADES QUILOMBOLAS: A FORMAÇÃO DAS COMUNIDADES REMANESCENTES BAIXA DA LAGOA, BAIXA DOS QUELÉS E OLHO D' ÁGUA, DO MUNICÍPIO DE JEREMOABO (BA)

Cauam Francisco Pires Silva Nascimento¹
Jôycimara Ferreira Barreto²

RESUMO

O seguinte artigo tem como objetivo retratar sobre a criação e o processo de desenvolvimento de três Comunidades Quilombolas no município de Jeremoabo-Ba. No decorrer do trabalho foi realizada uma pesquisa de campo utilizando questionários com o objetivo de conhecer a localidade através de conversas com os moradores da região. O intuito da pesquisa é entender sobre a formação e o reconhecimento da Fundação dos Palmares como uma comunidade Quilombola da localidade. Diante da necessidade de conhecer a história local dessa região e do espaço a ser analisado, imagens foram coletadas onde possibilitou fazer uma leitura sobre as comunidades antes e depois de suas transformações. Outros materiais utilizados para desenvolvimento da pesquisa foram instituições que ajudaram na formação profissional dos moradores dessa comunidade, preparando para a vida em sociedade. Assim, esse artigo contribuirá para história tanto da cidade como também para conhecimento local dessas comunidades quilombolas.

Palavras-chave: Quilombo; Formação; Certificação.

ABSTRACT

The following article aims to portray the creation and development process of three Quilombola Communities in the municipality of Jeremoabo-Ba. During the work, a field survey was carried out using questionnaires with the purpose of knowing the locality through conversations with the residents of the region. The purpose of the research is to understand the formation and recognition of the Palmares Foundation as a Quilombola community of the locality. Given the need to know the local history of this region and the space to be analyzed, images were collected where it was possible to make a reading about the communities before and after their transformations. Other

¹ Graduado em História pelo Centro Universitário AGES em 2016 - Paripiranga-BA. Email: cauam16@hotmail.com.

² Graduada em História pelo Centro Universitário AGES em 2016 na cidade de Paripiranga-BA. Pós-graduação em Gestão escolar. Mestranda em História Social pela Universidade Federal de Alagoas. Email: joycimaraferreira11@gmail.com.

materials used to develop the research were institutions that helped in the professional formation of the residents of this community, preparing for life in society. Thus, this article will contribute to the history of both the city and local knowledge of these quilombola communities.

Keywords: Quilombo; Formation; Certification.

O presente artigo irá discutir a problemática de como tenha ocorrido o processo de formação da comunidade, também como o processo de certificação da fundação palmares. A princípio será pertinente começar a discutir um pouco sobre a origem dos nomes que compõem a comunidade, lembrando que as informações expostas serão com base em relatos de moradores das próprias localidades, e também com o auxílio de um documento do qual o Sr. Arnaldo disponibilizou com informações que contemplam diversas competências acerca da comunidade como um todo, por exemplo, a própria origem dos nomes, como também aspectos econômicos, sociais, culturais, entre outros. Este documento traz informações seguras, já que foi redigido em parceria com o Município de Jeremoabo e pela Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional do Estado da Bahia. Foi construída após várias visitas técnicas a localidade com a participação dos moradores que contribuíram com as informações contidas no mesmo. Esse documento intitulado Plano de Desenvolvimento Subterritorial “Quilombos e Felicidades” foi desenvolvido no ano de 2008.

Voltando às origens dos nomes, começando pela Baixa da lagoa, esse nome, segundo o documento no qual estão contidas essas informações registradas por relatos dos próprios moradores, como afirmou o senhor Arnaldo, diz o seguinte:

A razão desse nome se deu por existir na localidade uma grande lagoa, que com o passar do tempo foi secando e os moradores perceberam tratar-se de uma fonte “minadouro”, que hoje já não existe, sendo conhecido como “sumidor”, pois, segundo o que contam, no local onde existia a lagoa, desapareceram, misteriosamente, um homem em seu cavalo e um cachorro, daí o nome Baixa da Lagoa.³

A razão do nome Baixa da Lagoa ficou claro, porque se originou de uma lagoa, por outro lado, a história por trás dessa lagoa se mostra interessante, já que animais e um homem sumiram misteriosamente. Esses desaparecimentos caracterizaram a lagoa como um sumidor, porém, se esse fato é verídico ou apenas uma lenda, não há indícios para ser comprovado ou não, todavia a história por trás do nome faz parte da cultura da comunidade.

³ (doravante. SEDIR). Secretaria de Desenvolvimento e integração Regional. Plano de Desenvolvimento Subterritorial “Quilombos e Felicidades”. Jeremoabo-BA. Dezembro de 2008. p.6.

Já, quanto à origem do nome Baixa dos Quéles, consiste em uma:

A razão do nome é uma homenagem ao primeiro morador da comunidade, chamado Quéle, negro de quem a maioria absoluta dos moradores é descendentes. A comunidade reconhece-se como descendentes de quilombo embora não exista registro de que Quéle fosse realmente escravo.⁴

Um antigo morador do nome Quéles deu origem ao nome da comunidade, muito embora as pessoas digam que foi um dos primeiros moradores, logo se pensa a sua importância para a comunidade, visto que teve seu nome homenageado.

Por último a origem do nome Olho D' Água surgiu da seguinte forma:

[...] é comum, surgir misteriosamente pequenas nascentes de água, chamadas pelos moradores de vertentes o olho d'água, muitas bem próximas às residências e que também, da mesma maneira misteriosa, desaparecem, de tão pouco volume que não é aproveitado pelos agricultores. Este fato dá nome a comunidade.⁵

O interessante da origem do nome é o fato de surgirem e desaparecerem nascentes de água, por um lado pode-se pensar que o surgimento da nascente seja pelo fato de o solo ser muito húmido, dessa forma qualquer escavação, por mais rasa que seja, daria água, e seu desaparecimento misterioso continua sendo uma incógnita, que até o momento não pode ser desvendado.

Vemos então o quanto são interessantes os relatos dos moradores contando como surgiu cada nome referente à comunidade em que vivem, cada fato mostra a importância de se pesquisar as Histórias Regional e Local, e também mostra a importância de salvaguardar as informações que os moradores conhecem.

Conhecido um pouco da origem de cada nome, agora a atenção é para a formação da comunidade, que tem versões diferentes relatadas por seus moradores. Em entrevistas pelas comunidades, foi perceptível como processo de modernização remodela as características físicas e comportamentais da comunidade, além de promover o apagamento desses elementos tão importantes para a composição da “memória coletiva” dos moradores. Michael Pollak, em um dos seus estudos, explica o seguinte:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das

⁴Ibidem, p.8.

⁵ Ibidem.

instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irreduzíveis.⁶

Pollak mostra que a memória coletiva é importante porque remonta o passado através da memória de grupos distintos, ou seja, a memória coletiva de uma cidade ou de uma comunidade ajuda a preservar os traços do passado.

Sr. Abelardo Fontes, de 69 anos, um dos moradores mais idosos e residentes na comunidade da Baixa da Lagoa, ao ser questionado sobre o processo de ereção da sua comunidade, indicou que, no tempo do seu pai, as pessoas saíam de suas localidades, para trabalhar em fazendas como a do coronel Gisuino, conhecido como Zizu. Com o passar dos anos, essas pessoas acabaram, segundo ele, se sedentarizando na localidade e erigiram, aos poucos, a comunidade ali existente, vejamos:

Rapaiz muito fraco, a comunidade foi formado aqui pelo... aliás, meus avós né, eles moravam La pro entroncamento de Jeremoabo, no entroncamento ali aliás, ai vinheram pra cá trabalhar aqui, ai ficaro gostano que aqui era interior vinhero numa varedinha, mais tudo tem abituacão né, ai ficaro aqui trabalhano e ino pra lá, vinha trabalhar voltava pra lá, ai um irmão cum Oto, (rapaiz lá da pra nois fica trabalhano e ver se nois damo pra sobreviver lá nessa comunidade aqui) ai foi crescendo chegando um cunhado, uma coisa e outra, sempre ia, sempre chegava, e gostano, fizero uns barrerinho ali pra juntar água na época, e ai foi acituano, foi crescono, foi crescono, e tamo ainda enraizado nesse fundamental [...]⁷

De acordo como o depoimento do senhor Abelardo, a comunidade teve “início” quando as pessoas se deslocavam da cidade em direção às fazendas para trabalhar, o início da comunidade ainda é impreciso com relação a sua data, mas o importante é o fato no qual as pessoas viram a oportunidade de fixarem moradia na região. Um dos fatores por fixarem moradia seria a distância da cidade até o local da fazenda, hoje a comunidade está acerca de 24km da cidade, isso se mostra um fator importante em decidirem fixar residência no local. Outra potencialidade seria o solo no qual era possível cultivar diversos alimentos, como frutas e raízes, além da criação de animais. Então isso seria um ótimo atrativo para as pessoas pensarem em residirem naquela localidade.

Um segundo depoimento foi dado pelo senhor Arnaldo, no qual o mesmo colocou que a comunidade se formou da seguinte forma:

⁶POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. p.7.

⁷ FONTES, Abelardo. [set. 2015]. Entrevistador: Cauam Francisco Pires Silva Nascimento. Jeremoabo, 13 set. 2015.

Veja só! Já existia, a comunidade mesmo pá povoar já foi depois do do do... meu trabalho junto com à associação. A gente teve a idéia ner, de comprar um terreno e povoar. Mas só que já era uma comunidade veia, mesmo assim as casas separada, mas já era comunidade velha desde da época dos coronéis, isso foi... Ai na Baixa da Lagoa existiu um muro que era de prender os escravos, existiu prantiu de cana, que tinha um tipo dum engenho veio. Quer dizer que aqui foi coisa que desde a época dos escravos já tinha. E ficou uns nego refugiado aqui, ner, ficou uma família dos “quelés” que era aqui na comunidade quelés. Na, no olho d’água tinha a “família dos Lourenço” que era outros nego refugiados, e na Baixa da Lagoa tinha família de Teodósio, que era um pessoal também que veio, ele era um homem que veio de Alagoas já se refugiar pra essa comunidade aqui. Além de outros moradores antigos que já moravam, e ai foram morrendo esses outros, e foi ficando esses outros. Só que a gente, como o tempo avançou mais a gente tivemos a ideia de que, de povoar, fazer com que essas famílias ficasse mais junta, formá povoado. Por que de primeiro tinha muitos moradô, mais só que, uma casa aqui outra mais lá, num tinha essa ideia de formá um povoado.⁸

Essa colocação se faz pertinente ao comparar os dois depoimentos. De acordo com o relato do senhor Arnaldo, o mesmo vê a formação da comunidade de duas formas, em seu relato é colocado que a comunidade desde o tempo dos coronéis já existia, mas as pessoas moravam distantes umas das outras, dessa forma seu Arnaldo junto à associação da comunidade tomaram a decisão de aumentar a comunidade, comprando assim um novo terreno, e com isso aproximando as famílias umas das outras.

Tive a oportunidade de escutar duas versões sobre a formação da comunidade, primeiro do senhor Abelardo, por ser um dos moradores mais antigos, o mesmo vê a formação da comunidade por meio das pessoas que vinham da cidade trabalhar em fazendas e assim iam fixando moradias. Por outro lado, o senhor Arnaldo reconhece que já existia uma comunidade e vê que a formação de origem da comunidade precisa passar por alguma transição, já que o mesmo faz parte de outra geração de moradores sendo o próprio mais novo que o senhor Abelardo. Para seu Arnaldo a comunidade já existia, mas precisa ocorrer alguma mudança, como o mesmo colocou o tempo era outro, a comunidade precisava avançar com o tempo. Essa mudança se deu com a iniciativa de aproximar as famílias que habitavam a localidade, já que existia uma grande distância entre as mesmas. Portanto, vemos duas gerações da mesma comunidade com visões diferentes, uma sobre o princípio da comunidade, e outra que enxerga melhorias parra a mesma.

O senhor José Romildo de Jesus Santos, presidente da Associação de agricultores remanescentes Baixa da Lagoa, Quelés e Olho d’ Água, colaborou com seu

⁸JESUS, Arnaldo Lima de. [ago. 2015]. Entrevistador: Cauam Francisco Pires Silva Nascimento. Jeremoabo, 09 ago. 2015.

depoimento sobre a formação da comunidade, o mesmo em seu depoimento colocou que:

Segundo, então, os mais antigo nossos pai, conta que os avós da gente já trabalhavam aqui, viviam nessa comunidade aqui, nasceram aqui os avós, e eles trabalhavam em casa de farinha. Tinha um coronel também que o pessoal fala que era dono de quais todas terra, e as pessoa trabalhava pra ele. Segundo um Gisuino! Que era dono de parte, parte da maioria das terra, diz que quando as pessoa constituía família, o pessoal que trabaia pra ele, ele num tinha muita família, casava, ele acabava dando uma área de terra pro pessoal se instalá né, por isso que a comunidade foi se instalano assim né.⁹

Nesse relato temos algumas informações interessantes; o primeiro, que as pessoas trabalhavam em casas de farinha e, o segundo, consiste no fato de que o coronel dava um pedaço de terra para seus trabalhadores no momento em que formavam família.

Uma outra, e última aqui abordada, versão sobre a formação da comunidade a qual hoje é um quilombo composto por três comunidades, foi concedida pelo senhor Abílio, morador mais antigo da comunidade. Suas informações se encontram no documento outrora citado, onde se lê o seguinte: “[...] a comunidade foi fundada por José Teodoro Barbosa, sendo um quilombo, local de refúgio dos escravos, comprovando-se pela existência na localidade de um muro de pedras e um cemitério desativado, construído pelos refugiados”.¹⁰

⁹JESUS, José Romildo. [set. 2015]. Entrevistador: Cauam Francisco Pires Silva Nascimento. Jeremoabo, 13 set. 2015.

¹⁰ (doravante. SEDIR). *op.cit.* p.7.



As ruínas do muro de pedras localizado na Baixa da Lagoa.

Fonte: Acervo pessoal de Cauam Francisco Pires Silva Nascimento.

Dois novos depoimentos acerca da fundação da comunidade trazem novos pontos interessantes a serem analisados, primeiro o senhor José Romildo relata algo semelhante ao que foi dito pelo senhor Abelardo, quando diz que as pessoas trabalhavam para um dono de terra chamado Gesuino, além disso, traz em seu depoimento fatos como o trabalho em casas de farinha para o mesmo Gesuino. O mais interessante em seu relato se faz presente quando coloca que senhor Gesuino dava pequenos lotes de terra para seus empregados, quando os mesmos constituíam família, isso mostra uma generosidade por parte do coronel, ou talvez essa generosidade outra razão, no momento não há informações sobre tal discussão, mas na visão do senhor José Romildo esta atitude foi importante para o crescimento da comunidade.

Outra versão dada pelo senhor Abílio, morador mais velho da comunidade, já traz uma informação diferente dos demais, o mesmo coloca que José Teodoro Barbosa foi o fundador da comunidade, sobre este senhor não há maiores informações. Um segundo ponto seria a afirmação de que a comunidade foi um refúgio de escravos onde se comprova pela existência de um muro localizado na área da Baixa da Lagoa, muro esse que hoje é visto como um símbolo da comunidade.

Então, o que se percebe de fato não apenas com esses dois depoimentos mas os quatro que foram analisados e tiveram suas informações cruzadas para tentar compreender como ocorreu o processo de formação da comunidade, é que não há definitivamente uma versão concreta sobre a origem da formação da comunidade, há apenas relatos de moradores que de alguma forma tiveram essas informações, ou, melhor dizendo, por meio de histórias contadas pelos mais velhos, trazendo à tona novamente uma memória do passado.

Temos, como vimos, quatro versões para o surgimento da comunidade. Muito embora algumas delas apresentem pontos divergentes, o que importa aqui não consiste em atestar a veracidade, ou não, delas, mas sim procurar entender os discursos empregados pelos seus moradores para embasar um momento importante não apenas da História da comunidade, mas igualmente das suas próprias vidas.

Sobre isso, as pesquisadoras Ana Lugão Rios e Hebe Mattos indicam que:

Buscar responder a essa pergunta não significa procurar, de forma positivista, as “verdades” e “inverdades” na memória coletiva da comunidade, mas, ao contrário, significa buscar entender o processo histórico que conformou essa memória e permitiu a construção do grupo como comunidade negra remanescente de quilombo¹¹.

De acordo com a visão das autoras, os relatos orais não são de forma alguma uma busca pela veracidade dos fatos, mas sim através da comunicação oral ter subsídios para cruzar os dados e a partir disso começar a entender o que de fato se pretende alcançar.

Não se acredita que tenham inventado, de fato, essas informações, mas, por outro lado, se levar em consideração que essas histórias são passadas de geração em geração, pode ocorrer nesse processo uma distorção dos verdadeiros fatos, já que, segundo o relato do senhor Abílio, o muro tem relação com os escravos. Por outro lado, a versão do senhor Abelardo em dizer que a comunidade se formou através de uma fazenda que existia ali, e que as pessoas que trabalhavam nela começou a residir na redondeza formando assim a comunidade.

A versão do seu Arnaldo traz pontos interessantes sobre a formação, o mesmo também coloca que a comunidade é antiga, mas que por meio da associação teve a ideia de comprar terras e aproximar as famílias, tendo assim ajudado na formação da comunidade. Já o senhor José Romildo coloca que no tempo do coronel o mesmo dava

¹¹ RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe Maria. **Memória do cativo**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005. p. 267.

pedaços de terras para seus trabalhadores que construíam família, proporcionando a formação da comunidade.

Então, é possível concluir que as informações estão certas, porque, se levar em consideração que a comunidade se formou a partir de uma fazenda onde as pessoas iam trabalhar, como afirma seu Abelardo, a versão de seu Abílio também faz sentido, porque a fazenda do senhor Gisuino já existia antes mesmo do senhor Abelardo nascer, por isso acredita-se que o muro pode ser sim um resquício do tempo da escravidão, mas não posso afirmar que o mesmo tenha sido palco de maus tratos aos escravos, e muito menos afirmar que existia um cemitério desativado.

Segundo seu Arnaldo, ao ser perguntado sobre o muro, o mesmo deixou claro que não existia uma comprovação do que representava o muro, o que havia eram apenas especulações, o mesmo relatou que essa construção onde hoje estão apenas as ruínas teria sido uma construção inacabada pelos escravos, e que não saberia dar mais informações. Isso leva a pensar os motivos de não terem concluído a construção, talvez possa ter ocorrido a abolição no mesmo período da construção. Talvez nunca saberemos o que de fato seria ali, apenas ficaremos com as informações que os moradores da localidade disponibilizaram. Portanto a formação da comunidade ainda não está totalmente revelada, talvez não de forma concreta com apenas uma única história, mas, pelo contrário, todas as informações coletadas são subsídios importantes para concluir que cada relato traz informações que mostrem como a comunidade se formou.

Com esses dados chega-se a uma conclusão sobre a formação da comunidade, e não será possível compreender de fato como realmente se formou, mas fazendo uma análise minuciosa e o cruzamento dos dados, nota-se que foi na primeira metade do século XX que a comunidade, através do trabalho na fazenda, proporcionou condições financeiras e de moradias para as os primeiros moradores da localidade, e dessa forma o desenvolvimento da comunidade.

Sobre as informações de compra de terras ou de doações feitas pelo coronel, não se acredita que tenham acontecido, que a formação da comunidade tenha sido possível devido as doações de pequenos lotes de terras que o coronel tenha dado aos seus trabalhadores, isso proporcionou o início de uma comunidade, que mais tarde, com a vinda de mais pessoas para a localidade, tenham começado a comprar terras e fixado residências.

Com relação ao muro citado mais acima, não há um indício para a formação da comunidade, parece mais apenas uma história que talvez nunca saberemos o que de

fato foi ali. Foi-se um cemitério, foi-se um lugar construído por escravos no tempo da escravidão, seja para quaisquer fins não sabemos. O fato é que o muro se encontra em ruínas, é claro que possa ser uma construção feita por escravos, mas não há evidências concretas sobre o que realmente tenha sido ali. O que existe são relatos passadas por gerações, mas não subsídios que fazem parte da formação da comunidade, trata-se de uma construção pertencente a outro tempo, mas que não está ligado à formação da comunidade.

3.1 O processo de reconhecimento e certificação da Fundação Cultural Palmares

Antes de iniciar a discussão sobre o processo de reconhecimento da comunidade remanescente de quilombo que está sendo estudada, é oportuno discutir primeiramente o que venha a ser a Fundação Cultural Palmares. Importante esclarecer quando foi criada, em qual contexto, qual o intuito, qual o papel dela dentro do Ministério da Cultura (minc).

No dia 22 de agosto de 1988, o Governo Federal fundou a primeira instituição pública voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira: a Fundação Cultural Palmares, entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC). A FCP comemora meio quarto de século de trabalho por uma política cultural igualitária e inclusiva, que busca contribuir para a valorização das manifestações culturais e artísticas negras brasileiras como patrimônios nacionais.¹²

Dessa forma, em seus 27 anos, a Fundação Cultural Palmares é a representação perante a sociedade e o movimento negro em defesa dos quilombolas com o intuito de promover a preservação da cultura negra e afro-brasileira.

Em um artigo escrito por Eloi Ferreira de Araujo, disponível no site da própria Fundação Cultural Palmares, pode-se compreender em qual contexto a Fundação foi criada e qual o seu papel perante as comunidades quilombolas.

Criada em 1988, momento de democratização do Brasil, com a promulgação da Constituição Federal, a instituição surgiu a partir de uma reivindicação do Movimento Negro para estimular, no debate político, a necessidade de combate ao racismo e da promoção da igualdade racial. Parlamentares e personalidades como Abdias Nascimento, Benedita da Silva, Paulo Paim,

¹²PALMARES, Fundação Cultural. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acessado em: 22 de abr 2016.

Edmilson Valentim e Carlos Alberto Caó assumiram o protagonismo na luta pela criação da Fundação Cultural Palmares.¹³

Fica claro que o contexto no qual foi criada a Fundação Cultural Palmares não poderia ser em ocasião melhor, já que nesse período o Brasil vivia a criação da Constituição Federal que seguimos até hoje. Com a publicação da constituição, surge a Fundação Cultural Palmares graças ao movimento Negro, e algumas personalidades da causa, e pessoas da área política que assumiram a causa.

Com relação ao ministério da cultura, a Fundação Cultural Palmares tem um papel importante, como podemos ver a seguir:

A Fundação Palmares é o primeiro órgão federal, vinculado ao Ministério da Cultura, com o objetivo de apoiar as iniciativas culturais afro-brasileiras. A instituição se tornou referência nacional e internacional na formulação de políticas para o desenvolvimento dos afrodescendentes no país. Durante todos esses anos, a Fundação vem se consolidando no reconhecimento da importância das Ações Afirmativas, como princípio do resgate da dívida histórica para com os negros brasileiros.¹⁴

Como vemos, a Fundação Palmares é vinculado ao Ministério da Cultura, e seu trabalho voltado para promoção e preservação da cultura afro-brasileira, já lhe rendeu um reconhecimento não apenas no Brasil, mas internacionalmente, isso mostra a relevância do trabalho que é promovido pela Fundação em conjunto com o Ministério da Cultura.

Conhecido um pouco sobre a trajetória da Fundação Palmares, volta-se a discussão sobre o processo de reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo. Tomando como base o relato do senhor Arnaldo, o mesmo conta que foi um procedimento que teve seu início depois do ano 2000. Entretanto, antes, mais precisamente no ano de 1993, surgiu a ideia de fundarem uma associação. A princípio, seu Arnaldo coloca que essa associação, para existir, precisou que fosse redigido um documento em que constasse a razão social pela qual a mesma seria criada, dessa forma conseguiram o aval para o funcionamento da associação, a associação passaria a ter o nome de Olho d' Água, que seria atribuída às três comunidades, Baixa da Lagoa, Baixa dos Quelés e Olho D' Água.

O senhor José Romildo explica em seu relato como surgiu a ideia de lutar pelo reconhecimento de comunidade quilombola.

¹³PALMARES, Fundação Cultura. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=13744>. Acessado em: 22 de abr de 2016.

¹⁴ *ibidem*.

A gente fundou a associação em noventa e três (93), e a gente já, os pai da gente já contava as história que a gente era descendente de quilombo né, assim contano sobre essas história que as família tinha vindo de alguns lugar que trabaiô pra algum coronéis aqui, e a gente sabia que a história escrava era mais ou meno isso. Em 93 a gente fundou a associação comunitária, e desde que a gente fundou a associação a gente já pensou na idéia de tornar ela quilombola né, a comunidade né, em vez de ser uma associação comunitária, ser uma associação quilombola e ai começemo a juntar história né, e fazer tipo de pergunta e pesquisa pra ver se descobria como se da entrada na certificação, demo a primeira, primeira vez nois fizemo me parece que dois mil, dois mil, dois mil e dois por ai, não tivemos resposta. Ai veio um pessoal da “CAR” ver um trabalho aqui ai teve uns projeto que a comunidade recebeu, e através desse projeto da “CAR”, projeto gente de valor e mata branca ficou sabendo da nossa história, a vontade da comunidade de se reconhecer como quilombola e ai ajudou também no processo de... no processo de encaminhamento de documentação, de todo histórico né, que a gente acabou enviano novamente em 2013 a gente foi certificado pela Fundação Palmares.¹⁵

Nesse relato fica claro como o processo de reconhecimento foi pensado, percebe-se que a comunidade, antes mesmo de pensar a comunidade enquanto quilombolas, fundou uma associação comunitária, e a partir daí começaram a ter o conhecimento que poderiam buscar a certificação de comunidade remanescente de quilombo.

O senhor Romildo, como também o senhor Arnaldo, deixam claro que, por volta do ano 2000, tentaram buscar o reconhecimento pela fundação Palmares, mas não tiveram sucesso. Só viriam a tentar novamente em 2010 com o auxílio do projeto Gente de Valor, executado pela CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional), que busca:

[...] promover o desenvolvimento regional por meio da inclusão socioproductiva, o Governo da Bahia, através da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR, vem se empenhando fortemente no combate à pobreza em comunidades rurais, priorizando o fortalecimento da agricultura familiar, economia solidária, comercialização, territorialização, segurança hídrica, convivência com a seca, e o gerenciamento sustentável do meio ambiente¹⁶.

Então se nota que a CAR busca combater a pobreza nas comunidades rurais, introduzindo recursos que facilitem a melhoria da qualidade de vida de cada comunidade.

¹⁵JESUS, José Romildo de. [set. 2015]. Entrevistador: Cauam Francisco Pires Silva Nascimento. Jeremoabo, 13 set. 2015.

¹⁶ A CAR. Disponível em: <http://www.car.ba.gov.br/institucional/a-car/>. Acessado em: 11 de mar 2016.

No depoimento do senhor Arnaldo, a CAR está envolvida com a comunidade desde 1994, quando construíram a casa de farinha na comunidade, em 1999 fizeram a perfuração do poço artesiano e em 2004 realizaram uma reforma em algumas casas da comunidade. Passado esse momento e continuando com o relato do mesmo, só em 2010 que a CAR voltaria a se envolver na comunidade com o projeto Gente de Valor.

Uma segunda versão de como ocorreu o processo de certificação da comunidade quem explica é o senhor Arnaldo. O mesmo deixa claro que já em 1998 foi pensado em entrar com o pedido de reconhecimento junto a Fundação Cultural Palmares, nesse processo o mesmo já citado coloca que, por volta do ano 2009, tiveram a ajuda de uma senhora chamada das Dores, que se prontificou em ajudar com a documentação, na qual a comunidade providenciaria os documentos e ela daria a entrada como o processo, a mesma também auxiliou no processo de reconhecimento da comunidade Casinhas no mesmo ano, mas, como afirma seu Arnaldo, apenas a comunidade Casinhas conseguiu a certificação. Pode-se afirmar em sua colocação quando diz que:

Começou in, in 2009, em 2009 nois tentamos, fizemos um movimentozinho aqui, tinha até uma mulher de Otavio das Dores, ela se prontificou disse que era pra gente fazer a papelada tudo direitinho que ela leva né enviava, para Salvador, e entregava na, na, no conselho das comunidades quilombolas, que tem um conselho Estadual, ai levou o daqui, fizemos toda a documentação ai levou o daqui e o das casinhas, ai o das casinhas veio e o nosso não teve resposta [...] ¹⁷.

Nesse segundo depoimento se faz evidente como se iniciou o processo de reconhecimento. Nessa primeira tentativa a comunidade não obteve o título de reconhecimento. O motivo por não terem conseguido não se sabe. Mesmo assim foi o primeiro passo em busca da certificação, que viria anos depois, como veremos mais adiante.

Logo após essa primeira tentativa, seu Arnaldo explica que, no ano de 2010, ocorreu, novamente, outra, mas que, dessa vez, eles puderam contar com o auxílio do Programa Gente de Valor, que compareceu na comunidade para realizar um levantamento e saber se a comunidade queria entrar com o pedido de reconhecimento.

O Programa Gente de Valor executado pela Sedir, através CAR (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional, por intermédio de Organizações

¹⁷JESUS, Arnaldo Lima de. [ago. 2015]. Entrevistador: Cauam Francisco Pires Silva Nascimento. Jeremoabo, 09 ago. 2015.

populares Locais, quer possibilitar e incentivar a participação direta dos homens e mulheres do campo na decisão e escolha das ações a serem implantadas em suas comunidades¹⁸

Como se vê, o programa gente de valor faz parte da Sedir (Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional). Com o apoio da CAR, buscam a interação das famílias que trabalham no campo a escolherem quais as melhores ações serão viáveis para a comunidade.

O senhor Arnaldo, em seu relato, afirma que:

Em 2010 foi quando começou o movimento do iscritorio Gente de Valor, a Car, foi implantado aqui, eles já vieram de lá, encima da comunidade quilombola, porque pra o governo nois só não tinha o reconhecimento da Fundação Cultural Palmares, mas no órgão do Governo Estadual a comunidade já era conhecida como comunidade quilombolas, [...] ai foi implantado o programa Gente de Valor, já pra vim pra nossa comunidade pesquisar e ver qual era nossas nicissidades, porque era um programa que tinha prioridade de beneficiar as comunidades quilombolas, que foi comunidade de pessoas mais sofridas¹⁹.

Percebe-se, assim, que nessa segunda tentativa, e divergindo do que ocorreu na primeira, os moradores da comunidade puderam contar, aparentemente, com o apoio de uma Instituição, que compareceu na comunidade com a finalidade de levantar informações necessárias, podendo assim ajudar a comunidade nesse processo de certificação.

Continuando seu relato, o Senhor Arnaldo explica como foi o andamento após a visita do Projeto Gente de Valor. Neste sentido, o mesmo diz que o senhor Adailto, um funcionário técnico, estava fazendo todo o levantamento da comunidade e que passaria os dados, em seguida, para o senhor Nelson Nunes, funcionário do Conselho de Comunidade Quilombola do Estado da Bahia. Este foi quem orientou na documentação que serviria para dar entrada com o pedido de certificação. Vejamos este relato.

[...] olha tem uma opção aqui pra voceis, como voceis tem três comunidades tudo quilombolas né, tudo família [...] então a associação comunitária já era uma associação só, ele disse voceis terão que fazer o processo de mudança né, mudança de razão social, pra associação, digamos passar de comunitária pra se quilombola, a gente fez isso levamos no fórum né mudemos todos os estatutos e já fizemos o alto reconhecimento, ata, com foto com tudo, mostrando que era quilombolas, ai ele enviou, entreguemos na mão de Nelson [...] ai ele enviou diretamente para Brasília no intuito, no intuito de a

¹⁸Programa Gente de Valor. Disponível em:<http://www.irpaa.org/noticias/15/formacao-de-agentes-do-programa-gente-de-valor>. A cessado em 03 de jun 2015.

¹⁹JESUS, Arnaldo Lima de. [ago. 2015]. Entrevistador: Cauam Francisco Pires Silva Nascimento. Jeremoabo, 09 ago. 2015.

Fundação Cultural Palmares vim aqui entrevistar a gente, mas, como Nelson já fez o trabalho já de entrevista com documento com foto, com documento do muro, com todos os relatos, a Fundação Cultural Palmares, quando analisou tudo direitinho viu que não tinha necessidade de ela vim mais entrevistar²⁰.

Faz-se claro, assim, como iniciou o processo de reconhecimento, percebe-se pelo relato que a comunidade teve trabalho em providenciar as documentações, assim se nota que não é simples obter a certificação da Fundação Cultural Palmares. Nos depoimentos consta que o programa Gente de valor foi o principal intermediário nesse procedimento, uma vez que foi à comunidade no intuito de desenvolver projetos em prol do beneficiamento do lugar, melhorando assim a vida das pessoas. Com o próprio senhor Arnaldo ressalta, com a visita do programa Gente de Valor, puderam ter o contato com o senhor Nelson e a partir daí iniciarem uma nova tentativa de reconhecimento de comunidade remanescente de quilombo.

Nessa segunda tentativa o senhor Arnaldo explica que a Fundação Cultural Palmares não precisou realizar a visita na comunidade, porque o senhor Nelson, funcionário do Conselho de Comunidade Quilombola do Estado da Bahia, já havia providenciado todos os documentos junto à comunidade, dessa forma não houve necessidade da visita da Fundação Cultural Palmares. E nessa segunda tentativa, no dia 08 de Abril de 2013, foram contemplados com a certificação da Fundação Cultural Palmares, com o nome de Comunidades de Baixa da Lagoa, Olho D' Água e Quelés.

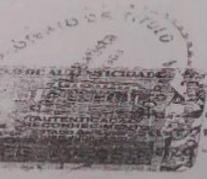
²⁰ Idem.


REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988
Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro
CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

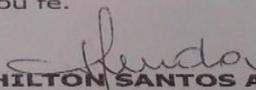
O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção n.º 169, ratificada pelo Decreto n.º 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação n.º 01420.016563/2012-83 **CERTIFICA** que a **COMUNIDADES DE BAIXA DA LAGOA, OLHO D'ÁGUA E QUELÉS**, localizada no município de Jeremoabo/BA, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 015, Registro n.º 1.794, fl.012, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINI** COMO **REMANESCENTES DE QUILOMBO**.

Eu, **Alexandro Anuniação Reis**, (Ass.) _____, Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/D **08 de abril de 2013**.

O referido é verdade e dou fé.


 a presente fotocópia está Original. Dou Fé
 em _____ da verdade
 em _____ de _____ de 2013

 Patricia Batista


JOSÉ HILTON SANTOS ALMEIDA
 Presidente
 Fundação Cultural Palmares - FCP

Qd. 601 Norte – SGAN – Lote L – Ed. ATP – Brasília/DF
 CEP: 70830-010 Fone:(61) 3424 0101 site:www.palmars.gov

Certificado da fundação Cultural Palmares atribuída a Comunidade Baixa da Lagoa, Baixa dos Quelés e Olho D' Água.

Fonte: Acervo pessoal de Cauam Francisco Pires Silva Nascimento.

No que tange ao reconhecimento da Fundação Cultural Palmares, é difícil e árdua conseguir a certificação, os próprios relatos dos senhores Arnaldo e Romildo mostram que levou quatro anos a contar do ano da primeira tentativa até conseguirem o reconhecimento. Outra observação importante acerca dos motivos que levaram a comunidade a lutar pelo reconhecimento da Fundação dos Palmares, nada mais é que os benefícios que a fundação possa proporcionar à comunidade, exemplo disso são os benefícios que a comunidade conseguiu com o projetos Gente de Valor que, de certa forma, foi um estopim para se alcançar o objetivo desejado, que era o reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos aspectos analisados este artigo possibilitou tanto para a sociedade da cidade de Jeremoabo quanto para os pesquisadores, conhecer um pouco

sobre a vida e história de três comunidades quilombolas residentes na região pouco conhecida na localidade, sendo essas: Baixa da Lagoa, Baixa do Quelés e Olho d'água.

Assim, foram estabelecidos alguns objetivos para desenvolvimento deste artigo: analisar como ocorreu o processo de formação da comunidade e compreender como a ela buscou o processo de reconhecimento e certificação da Fundação Cultural Palmares. Com isso, esse problema foi solucionado através da análise na documentação do Certificado de reconhecimento como comunidade quilombola.

Ao longo do trabalho foi possível entender esse processo de reconhecimento da comunidade quilombola através dos relatos dos moradores. Com isso, nota-se que a mesma não tinha ligação alguma com nenhum quilombo já existente na região, ficando claro que a comunidade se formou por outros meios. Com os relatos, chegou-se à conclusão que a comunidade se formou a partir do momento em que os primeiros moradores viram o local onde hoje a mesma está localizada, uma oportunidade atrativa de fixar residência. Como relataram, as pessoas se deslocavam da cidade para trabalhar em uma fazenda e a distância seria um dos principais fatores para se dar início à formação. Além da distância, outro fator atrativo seria a terra na qual a mesma seria muito boa para o plantio e criação de animais.

Analisou-se o processo de reconhecimento e certificação da comunidade perante a Fundação Cultural Palmares. Assim, concluiu-se que a comunidade, a partir do ano de 1993, com a criação da associação Olho d'Água, passou a ser reconhecida como comunidade quilombola, mas ainda faltava a certificação, esse processo ficou claro quando nos relatos foi colocado que a comunidade teve o auxílio de projetos como a CAR, Gente de Valor e Mata Branca, que, além de trazerem benefícios para a comunidade, tiveram um papel fundamental no processo de certificação, no qual os ajudaram com os procedimentos necessários para que ocorresse no dia 8 de Abril de 2013 a certificação da Fundação Cultural Palmares.

REFERÊNCIAS

A CAR. Disponível em: <http://www.car.ba.gov.br/institucional/a-car/>. Acessado em: 11 de mar 2016.

PALMARES, Fundação Cultura. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=95. Acessado em: 22 de abr 2016.

PALMARES, Fundação Cultura. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=13744>. Acessado em: 22 de abr de 2016.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Programa Gente de Valor. Disponível em: <http://www.irpaa.org/noticias/15/formacao-de-agentes-do-programa-gente-de-valor>. Acessado em 03 de jun 2015.

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe Maria. **Memória do cativoiro**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

Secretaria de Desenvolvimento e integração Regional. **Plano de Desenvolvimento Subterritorial “Quilombos e Felicidades”**. Jeremoabo-BA. Dezembro de 2008.